



Histórias críticas de mudanças

Amor do coração
Narrativas do Raízes Vivas, Brasil

Por Andrea Cornwall
Dezembro de 2005

ActionAid Internacional

Prólogo

Histórias críticas de mudanças

Histórias críticas de mudanças é uma série que descreve o papel da ActionAid Internacional na mudança das vidas de pessoas que vivem na pobreza. No entanto, por causa de sua abertura, autocrítica, análise detalhada e valorização do papel ativo de outros atores, essas histórias passam longe dos “estudos de caso de boas práticas”, com seu tom auto-elogioso.

As *Histórias críticas de mudanças* são cheias de vida e têm o objetivo de transmitir os *insights*, conselhos e a confiança de uma pessoa amiga.

Muitas vezes, a ActionAid Internacional reivindica crédito pelo seu trabalho e suas conquistas. Contudo, na luta para enfrentar as causas da pobreza e injustiça, a ActionAid é com frequência um dos vários atores envolvidos. A ActionAid raramente fica sabendo sobre a natureza significativa de sua contribuição e quais fatores (internos e externos) contribuíram para os resultados. As *Histórias críticas de mudanças* lançam uma nova iniciativa de aprendizagem na ActionAid Internacional. As histórias são o produto de um processo de aprendizagem facilitado e têm como objetivo explorar como acontecem as mudanças (negativas e positivas), vistas da perspectiva das diferentes pessoas envolvidas. Essas histórias ligam explicitamente a ActionAid e o trabalho de base de seus parceiros a uma agenda de direitos e esperamos que capturem a complexidade total das intervenções e experiências de desenvolvimento da ActionAid – da perspectiva das pessoas pobres, parceiros, organizações e outros atores envolvidos, assim como da própria ActionAid. Esperamos que as lições e experiências documentadas tragam *insights* para todos aqueles engajados na luta contra a pobreza e a injustiça.

Agradecimentos

Devo muitíssimo a muitas pessoas por suas contribuições a essa “história de mudanças”. Gostaria de agradecer ao Centro das Mulheres do Cabo e à ActionAid Brasil por terem me recebido de braços abertos, compartilhado seu tempo e suas idéias comigo e por tudo aquilo que me ensinaram sobre como o desenvolvimento deve ser implementado. Fico especialmente grata a Marlis, Nivete, Alberto e Jorge pelo tempo que dedicaram a compartilhar comigo seus pensamentos, análises, experiências e reflexões. Eles me ensinaram muito. Sou profundamente grata às mulheres de Barbalho e Pirapama, especialmente a Tamiris, Nazilde e Elizete, pelo tempo que dedicaram a conversar comigo, e a Nazilde e Luciene, pelos almoços deliciosos. Gostaria de agradecer a Ana Toni e Maria Lúcia Cardoso por compartilharem comigo suas impressões e experiências e sou especialmente grata a Maria Lúcia por seus comentários sobre uma versão anterior dessas histórias. Por seu apoio e paciência e, antes de tudo, por me pedir para escrever essas histórias, gostaria de agradecer a Antonella Mancini. Nem é preciso reafirmar que minhas reflexões são inteiramente pessoais e de nenhuma forma representam as visões da ActionAid.

Andrea Cornwall
Dezembro de 2005

Sobre a autora

Andrea Cornwall é uma pesquisadora no Instituto de Estudos de Desenvolvimento, onde dirige um programa de pesquisa sobre o empoderamento das mulheres.

“Amor do coração”

Histórias do Raízes Vivas, Brasil

Sem amor, você não vai ter sucesso em nada. Há coisas que você ama – aquelas que você luta para conseguir. Por estas você tem amor. Como o nosso Centro Comunitário...houve muitas lutas e, se não tivéssemos amor em nossos corações, teríamos desistido. Mas amor no coração é outra coisa. Você só se separa dele quando morre. É este amor que nos faz lutar.

Nazilde, moradora de Barbalho e membro do comitê do projeto Raízes Vivas.

Ganhamos para fazer isso e, quando ouvimos essas histórias, sentimos que nosso trabalho vale a pena.

Alberto, Coordenador de Projeto da ActionAid Brasil, comentando sobre as histórias de mudanças dos membros do Raízes Vivas.

Tamiris balançava sobre os calcanhares, com um amplo sorriso. Com doze anos e ânimo esfuziante, ela me contou sobre todas as coisas de que gostava da vida em Barbalho – um lugar que muita gente dessa parte do Nordeste considera que é somente para os mais pobres entre os pobres. As frutas são gratuitas, ela contou. Tamiris e suas amigas podem brincar na rua sem medo de atropelamento. A estrada de terra é tão ruim que poucos cruzam o bairro de veículo e, quando as chuvas chegam, fica intransitável. O único problema, diz ela, é que é fácil escorregar nos caminhos íngremes e isso é perigoso, especialmente para as mulheres grávidas – como sua mãe, Neta, grávida do sétimo filho. Barbalho é mais seguro do que onde vivia antes. Lá via gente morta na rua e escutava o barulho das lutas quando ia dormir. Aqui é tranqüilo.

“De que mais gosta de viver aqui?”, perguntei a ela. Ela respondeu: “da arte que fazemos e das cartas que escrevemos”. Então me contou que tinha sido por causa das cartas que ela e suas amigas haviam escrito que todas essas mudanças tinham ocorrido em Barbalho e na vizinha Pirapama.

“As pessoas viviam em casas de tábua e agora estão em casas adequadas e fomos nós, as meninas, que fizemos muito disso, escrevendo aquelas cartas”, ela disse. “Isso me deu oportunidade de ajudar aos outros. Ter sido capaz de fazer isso me traz muita felicidade”.

Era uma perspectiva de vínculos solidários que nunca tinha escutado. Tamiris reconhecia o papel que cumpria em melhorar a vida das pessoas – que através das cartas que escrevia, ela podia fazer por sua comunidade o que poucas crianças de 12 anos sequer imaginam. Isso era muito diferente das imagens de crianças africanas miseráveis, que muitas vezes são usadas para sensibilizar possíveis doadores. Aqui estava um motivo muito distinto para doar dinheiro.

O orgulho de Tamiris e seu senso de capacidade de ação se refletiam nas histórias que seus vizinhos me contavam. “Antes eu era tímida, não dizia

nada. Só ficava em casa, cozinhando”, disse Nazilde, uma mulher impressionante de 40 e poucos anos.”Agora me sinto muito forte. Não tenho medo de ninguém e de nada. Até mesmo de ir de avião falar com o presidente da ActionAid Internacional”, acrescenta ela, referindo-se à sua recente viagem ao Fórum Social Mundial com Nivete, do Centro das Mulheres do Cabo (CMC). Enquanto conversamos, alguém a chama do alto do morro. “Estou ocupada, fazendo uma gravação”, ela grita de volta e se vira para mim com um amplo sorriso. “Hoje as pessoas me chamam de Dona Nazilde”, diz. “Ganhei credibilidade. Imagine que me chamam de Dona”.

Disse adeus a Tamiris, Nazilde e suas amigas e colegas de trabalho do projeto em Barbalho e Pirapama quando andávamos pelo centro de Cabo de Santo Agostinho no Dia Internacional da Mulher. O Centro das Mulheres do Cabo tinha mobilizado mais de 100 mulheres para marcharem pela cidade exigindo seus direitos. Caminhava ao lado das mulheres do Raízes Vivas, que carregavam uma faixa de 40 metros pintada em cores brilhantes e com painéis feitos pelos vários grupos de mulheres com os quais o CMC trabalha, incluindo um que mostrava sua luta pelo direito à água. Virando-me para Silvia Cordeiro, diretora do CMC, disse a ela como estava emocionada pelo que tinha visto. “O Centro tem 20 anos”, ela me disse, “temos uma história aqui nesta área. Isso é sobre esta história”. Para a ActionAid Brasil, foi essa história e os vínculos profundos e ricos que o Centro tem com os movimentos, redes e instituições de políticas públicas que o tornaram um parceiro com quem iniciamos essa jornada em busca da justiça social.

O Brasil é um país imenso. Para uma ONG internacional tentar atender diretamente as necessidades de 20 milhões de brasileiros e brasileiras que vivem na pobreza seria tocar somente a ponta de um iceberg de privações e exclusão social. Para enfrentar as desigualdades que sustentam a pobreza no Brasil, são necessárias estratégias de construção de parcerias e redes com outros atores sociais e um engajamento crítico com o governo, que podem criar o dinamismo que provoca as mudanças. A história de como a ActionAid Brasil, nesse contexto, é capaz de fazer a diferença é complicada. É uma história na qual as parcerias e alianças em nível local, regional, nacional e internacional cumprem um papel fundamental e de formação. Por trás das mudanças que Tamiris e suas amigas vivenciam na prática, em Barbalho e Pirapama, estão relações plenas de valores, visões e maneiras de trabalhar juntos. A história dessas mudanças, e a de outras mudanças que a ActionAid Brasil ajuda a realizar no seu envolvimento com muitos parceiros, tem tanto a ver com essas relações quanto com as práticas cotidianas de desenvolvimento nas bases.

Tornando-se alguém: mudando vidas com o Raízes Vivas

Cercada por membros do comitê do projeto Raízes Vivas, equipe do CMC e Jorge e Alberto, da ActionAid Brasil, escuto enquanto cada mulher mostra seu desenho de cores brilhantes que preparou para contar sua história. Estamos numa oficina, realizada numa antiga casa colonial, que é usada para treinamentos pelas organizações do Cabo. É bonita e tranqüila, longe da

confusão da cidade. Nazilde escuta com um sorriso nos lábios, enquanto cada mulher fala sobre as transformações na sua vida nos últimos anos. São imagens de nuvens, sonhos, árvores repletas de flores e frutos, corações e flores. Inicialmente, parece suave demais – até que as mulheres começam a contar suas histórias. Como brigaram com seus maridos para conseguirem ir às reuniões, como lutaram para convencer os outros na sua comunidade que esse projeto não era um golpe de pessoas de fora para roubar suas crianças, como seus relacionamentos com os homens de suas vidas tinham melhorado, à medida que ganhavam um senso cada vez maior de sua própria força e capacidade. Como tinham se juntado para exigir do governo municipal o direito à água, tornando isso uma realidade em suas comunidades e como haviam lutado, tirando prazer dessas lutas e mais ainda de seus resultados.

No início, Rosilda nos contou, seu marido tinha criado problemas e não entendia porque queria sair sozinha. "Falei para ele que ia porque aprenderia coisas que não sabia. Deixei-o falando sozinho", ela respondeu. Depois de um tempo, não havia mais problemas. A Vânia comentou como sua família teve dificuldade de entender que ela fizesse trabalho sem pagamento, porém desde que entrou no projeto que viram como ela crescia: "tive a oportunidade de fazer perguntas, falar, questionar as coisas". Para Dona Biu, o projeto era sobre como infundir a "força do desejo de participar", algo que simplesmente não existia antes. Nas primeiras reuniões, elas ficavam tão quietas, tão tímidas – não sabiam o que fazer ou dizer. Agora explodem em risadas, com autoconfiança. Os membros da equipe do Centro das Mulheres do Cabo, Nivete e Marlis, me falaram da extraordinária mudança dessas mulheres.

Com o que elas e outras mulheres envolvidas no projeto aprenderam e adquiriram, mulheres como Rosalinda, Dona Biu, Vânia e Nazilde conseguiram começar a mudar suas vidas. Um sinal tangível dessa mudança é o número de casas recém-construídas que orgulhosamente marcam os morros de Barbalho, substituindo as casas de papelão, tábuas e plástico que costumavam ser arrastadas ladeira abaixo quando chegavam as chuvas. Para muitas mulheres, ter uma casa própria era uma coisa que somente imaginavam nos seus sonhos.

Um fundo de créditos rotativos tornou possível a concretização desses sonhos e trouxe mudanças mais profundas do que qualquer pessoa envolvida com o projeto tinha sido capaz de prever. A estrada para Pirapama está agora asfaltada. As duas comunidades têm acesso à água como resultado da mobilização das mulheres. A Associação dos Moradores de Pirapama funciona agora num centro comunitário novo e mais amplo, com cursos que ensinam habilidades geradoras de renda e um curso de rádio comunitária. Estes cursos têm sido muito importantes no projeto. Tamiris fala de sua impaciência de ver terminado o trabalho no Centro de Barbalho. Ela quer aprender a usar um computador e trabalhar mais com arte. Lourdes irradia orgulho quando fala de ter escutado sua própria voz na rádio comunitária de Pirapama – algo que nunca acreditara ser possível. Lucineide me fala da jovem que ela vê passar em frente a sua casa, usando jóias que chamam a

atenção, sempre combinando com suas roupas, e que são a base de um próspero negócio.

Duas das imagens usadas pelas mulheres do comitê do projeto para descrever as mudanças em suas vidas ficaram na minha lembrança. A primeira era uma imagem de um círculo de mulheres, que aparece em muitos dos desenhos. Quando perguntei, explicaram que representava reuniões. Basta a menção da palavra “reunião” para a maior parte – talvez mesmo a maioria – das pessoas que trabalham com desenvolvimento façam um gesto de pouco caso, prevendo as horas que serão gastas em prejuízo de outras coisas mais urgentes, importantes e estimulantes. As reuniões tomam um tempo excessivo em contextos onde o trabalho em equipe, consenso, comunicação e responsabilidades delegadas são as forças motrizes da eficácia organizacional. Porém, com que frequência paramos para pensar no luxo de ter esse tempo para compartilhar idéias, escutar as opiniões e experiências das outras, conversar e talvez rir um pouco, sair dos espaços da vida cotidiana e entrar numa zona na qual mães, esposas e trabalhadoras têm permissão para serem elas próprias?

Quando as mulheres falavam do projeto, falavam de como ele tinha “possibilitado que fôssemos gente”, ou seja, que as reconhecia na sua individualidade singular, como pessoas que tinham algo a dar, como pessoas que deviam ser tratadas com dignidade e respeito. E as reuniões eram parte disso. “Elas aprenderam maneiras de lidar com outras pessoas”, explicou Lucinede, uma moradora de Pirapama que tinha se tornado a fornecedora de refeições ao grupo e que observava essas reuniões a certa distância enquanto servia comida e refrescos. “No início, elas não estavam acostumadas a encontros sociais, não sabiam como se comportar”. Algumas mulheres choravam ao ver a comida que ela trazia, sabendo que seus filhos passavam fome em casa. Levavam o que podiam com elas e isso já era uma ajuda. O mais notável, Lucinede comentava, foi como essas mulheres tinham adquirido confiança e como tinham começado a tratar bem as outras. Antes, ela explicou, algumas tinham a tendência de serem rudes e pouco amigáveis. Ter aquele tempo para si próprias, estar junto com outras mulheres, ser valorizada pelo que era – todas essas coisas eram parte da diferença tangível e visível que via acontecer no grupo. Para Lucinede, o empoderamento era isso tanto quanto qualquer outra coisa: um senso de calma interior e poder pessoal, um senso do que era possível, assim como dos meios de lidar com o aqui e o agora.

A segunda imagem era de uma casa desenhada por uma das mulheres numa grande folha de papel. À medida que nos contava como o projeto tinha mudado sua vida, hesitou e ficou em silêncio, tomada pela emoção. A história dela tinha me levado às lágrimas, reconhecendo como era fundamental ter um lugar para viver, um lugar para criar os filhos de forma digna, um lugar que é o lar, que você pode dizer que é seu. Havia algo em seu depoimento, assim como na alegria que irradiava das outras mulheres enquanto falavam sobre como elas e suas vidas tinham mudado, que tocou todas nós enquanto escutávamos e refletíamos sobre a importância dessas “necessidades

práticas”. As construções espalhadas pelas encostas dos morros são sinais visíveis, tangíveis, das mudanças. E não são somente casas. Um Centro Comunitário, construído pelo projeto em Barbalho, traz mais esperanças e sonhos com sua própria permanência. “É inesquecível”, diz Nazilde, “vou morrer e ele vai continuar lá”.

Nada jamais será o mesmo para essas mulheres. Não foi somente a mudança física no seu meio ambiente imediato, mas algo mais profundo. Trata-se da forma como essas mudanças afirmaram seu senso próprio como *pessoas*. Raízes Vivas tinha dado a essas mulheres exatamente as “raízes vivas” de seu nome. Tinha possibilitado que tivessem um senso de sua presença no mundo e, a partir disso, de sua potencialidade de agir no mundo ao seu redor. Ao restaurar o senso de agenciamento dessas mulheres e ao fazer a ligação do senso do que eram com sua capacidade de agir em conjunto para realizar mudanças, o projeto incorporou o empoderamento no seu sentido mais concreto e profundo.

Uma maneira diferente de fazer desenvolvimento

À primeira vista, o Raízes Vivas parece se assemelhar a muitos outros pequenos projetos de desenvolvimento. Porém, não é preciso muito tempo para reconhecer que nele há algo bem diferente. Reconhecendo a natureza material das lutas das mulheres pela sobrevivência, o projeto possibilitou que elas conseguissem um teto e as ajudou a se equiparem para encontrar meios de terem uma renda independente. Em muitos aspectos, essas são condições de qualquer processo de empoderamento. Entretanto, Raízes Vivas tem feito muito mais do que isso. Trabalhando nos níveis pessoal e interpessoal, assim como no plano coletivo, o projeto Raízes Vivas possibilitou que as mulheres de Barbalho e Pirapama se vissem como agentes políticos, com o direito de ter direitos. Vânia, com seus vinte e poucos anos, explicou como gradualmente foi aprendendo a perguntar, falar, questionar. Agora, disse ela, não tenho mais medo de falar em público. Para ela, o vínculo entre necessidades e direitos está bem claro: “temos o direito de reconhecer aquilo que precisamos”. O mais profundo de tudo era a forma como essas mulheres falavam de seu trabalho com as outras e com a comunidade, e do tipo especial de amor que isso implica: amor do coração – um amor que se irradia.

A filosofia do projeto está enraizada num respeito profundo pelas pessoas envolvidas, não como “os pobres”, mas como gente *vivendo na pobreza*. Várias das mulheres falavam do projeto nesses termos, sobre como ele as reconhecia como pessoas, permitindo que se vissem como plenamente humanas, em toda as suas dimensões. Para algumas delas, este era o aspecto mais poderoso de seu engajamento no projeto: serem reconhecidas, serem vistas como alguém. Marlis e Nivete, as trabalhadoras do Centro das Mulheres do Cabo mais envolvidas com o projeto, falavam com animação e afeto das oficinas que tinham tido na comunidade, de como as mulheres do projeto tinham mudado, das vitórias que tinham desfrutado juntas. Suas vozes ressoam com respeito e admiração pelas mulheres cujas vidas

ajudaram a mudar. Por trás do que dizem, posso discernir seu compromisso profundo com a justiça social, que direciona a raiva, o cuidado e a compaixão de forma tão poderosa quanto anima a visão e a prática do Raízes Vivas.

Depois de pouco mais de dois anos, a construção institucional, a capacitação e, naturalmente, a construção de casas produziram alguns impactos tangíveis nas habilidades, recursos e capacidades. No entanto, em mim causou a mesma impressão ver como o Raízes Vivas buscou não somente melhorar os meios de subsistência das mulheres, possibilitando que elas e suas famílias tivessem acesso a um padrão de vida melhor, como também enfrentar algumas das raízes mais profundas do *desempoderamento* e, com isso, confrontar outras dimensões da pobreza. Uma dimensão disso foi questionar o que significava trabalhar com uma perspectiva feminista. “Somos diferentes de outras organizações”, ponderou Marlis, “fazemos perguntas como ‘seu marido não pode ficar em casa cuidando das crianças enquanto você sai para as reuniões?’. Fazemos esse tipo de pergunta sem nenhuma hesitação, mas para elas era diferente ouvir algo assim”.

A valorização dos êxitos do projeto também oferece oportunidades para refletir sobre questões de gênero e poder. “Perguntávamos a mulheres e homens ‘como estaria sua comunidade se as mulheres continuassem a ser como eram antes, se não pudessem estudar, não tivessem tempo para si próprias?’” Marlis prosseguiu: “e nós dizíamos: ‘vocês não teriam água, não teriam asfalto’”. Há um senso palpável de vitória resultante da luta das mulheres de Barbalho e Pirapama. Isso possibilitou não somente que elas se vissem como atores sociais, como também que fossem reconhecidas como tais pelos demais. Como foi assinalado por Nivete: “no começo, as mulheres costumavam nos dizer ‘vocês não sabem como vivemos aqui’, como é horrível. Agora, quando se reúnem com outra comunidade, começam a falar de seus êxitos – e isso gera muito orgulho”.

Juntamente com orgulho, auto-estima e um novo senso de agenciamento político, o projeto tem produzido outras mudanças, que são de natureza mais relacional. Elizete fala de como em Pirapama, há alguns anos, quase ninguém contribuía com a comunidade. “Antes do projeto”, ela me disse, “todos só pensavam em si. Isso podia ser observado na Associação. Eles achavam que bastava pagar a taxa de inscrição. Não apareciam na Associação, nem mesmo para pedir que levantássemos questões de seu interesse no governo municipal. Porém, o Raízes Vivas nos ensinou que ninguém pode conseguir seus objetivos sozinho. Aprendemos que temos de nos juntar para que as mudanças aconteçam”. Explicou como ela e outros membros do projeto tinham começado, muito lentamente, a envolver a comunidade. Organizaram reuniões nas ruas e eventos públicos, como o Festival das Mães. “Aqueles que não compareciam diziam ‘não gosto de reuniões, elas não fazem nada para mudar as coisas’, mas essas pessoas viram como depois de vinte anos de lutas ganhamos a batalha da água, uma luta que nos levou ao governo do estado, em Recife (a uma distância de uma hora)”.

Ela sorria enquanto me contava: “o governo municipal costumava enviar transporte para levar pessoas daqui para reuniões e a gente daqui brincava dizendo que uma bicicleta seria suficiente – tão poucas eram as pessoas que se davam ao trabalho de ir. Há cerca de uma semana, trinta pessoas daqui viajaram até a cidade para uma reunião com o secretário municipal de infraestrutura”.

Um dos sinais mais tangíveis de mudança é a evidente autoconfiança das mulheres envolvidas no projeto. Rosi contava que antes nunca tinha ousado falar em reuniões e como agora sentia que podia falar com franqueza. Elizete me contou como “muitas vezes no passado as pessoas pensavam: ‘não vou falar nada, pois o que disser pode ser errado’. Elas temiam dar uma opinião porque esta poderia ser totalmente distinta do que os outros estavam pensando”.

Ela deu o exemplo do comitê do projeto no início, quando faziam dramatizações sobre o que significava ser um comitê e, quando chegava a hora de fazer uma apresentação, todas diziam: “Oh, não, não posso fazer isso, sou tímida”. Porém, no final, faziam as apresentações e todas se divertiam. Ela lembrou a história de uma mulher que havia convidado para participar do comitê de gestão do projeto e que tinha dito: “querida, não sei nada, não posso fazer nada”. Essa mulher, explicou Elizete, tinha medo de sair da sua vizinhança para fazer cursos. Ela tinha medo de quase tudo. Mas, as outras mulheres lhe diziam que ela devia sair, que não tinha de ficar todo o tempo em casa. Assim fez ela e hoje em dia é tão confiante e comunicativa quanto as outras.

Enquanto Elizete falava das outras que tinha persuadido a participar, e mostrava nisso uma aura de prazer, Lucinède comentava que a “vida não é somente feita de bens materiais, mas também de cuidados, de amor, de prestar atenção às pessoas”. Ser cuidada, notada, tratada com dignidade e respeito – isso parece básico em qualquer intervenção pelo desenvolvimento. Porém, com frequência isso merece muito pouca atenção real.

Nazilde me chamou a atenção para outro componente crítico das mudanças ocorridas em decorrência do projeto: o entendimento do que é preciso para que as pessoas ajam em conjunto e do que conseguem. Uma dimensão direta dos vínculos solidários, como Tamiris assinalou no início dessa história, é reconhecer que são aquelas cartas que trazem o dinheiro. Relacionar isso, algo que parece similar a *ganhar* dinheiro, ao trabalho não-remunerado da comunidade exige um ato de fé. Porém, talvez o dinheiro presenteado tenha o potencial de produzir outras formas de doação.

Nazilde explicou: “Foi difícil entender que havia dinheiro, mas não era usado para pagar as pessoas. Então, entendi. Se você paga a uma pessoa, ela fornece o serviço e vai embora, mas se você convoca as pessoas para um mutirão, elas vão compartilhar seu amor, vão colocar amor nisso. As pessoas diziam: ‘por que temos de deixar a praia no fim de semana para trabalhar de graça?’ Porém, se você paga, bem, não terá a amizade de ninguém. As

“pessoas não vão pensar que hoje é diferente, que vamos conseguir conversar uns com os outros, compartilhando informações, entendendo que nem tudo o que se faz, é feito por dinheiro. É feito por amor. Há gente que não é dessa comunidade e vem para o mutirão somente por isso. Não fazem isso por eles próprios, fazem por amor”.

Os métodos de trabalho criativos têm sido fundamentais no êxito do Raízes Vivas. Entre esses métodos, estão os seguintes:

- Um esquete apresentado numa reunião do grupo, onde uma suposta grávida de 16 anos pergunta a cada uma das mulheres presentes: “o que você faria?”
- Diagramas de Venn que um grupo de mulheres utilizava para explorar os ingredientes das intervenções na vida da comunidade que poderiam fazer a diferença.
- Analisar as diferenças entre amor e amor do coração.
- Brincar com a etimologia dos nomes Barbalho e Pirapama para encontrar um símbolo para o projeto que lhe trouxesse entusiasmo, assim como um nome.
- Criar oportunidades para as mulheres contarem sobre suas conquistas, na rádio comunitária ou em eventos em outros lugares.
- Fazer dramatizações sobre o que significa estar num comitê e como as decisões são tomadas.

Todas essas coisas e muito mais tornavam as reuniões do projeto um local de aprendizado e desaprendizado mais profundos. O Raízes Vivas criou espaços que se tornaram o que o teórico social Michel Foucault denominou de “heterotópicos” – nos quais as regras diferem das regras das instituições sociais do cotidiano, onde as pessoas podem se comportar de novas maneiras, explorar novas dimensões de si próprias, e a partir dos quais essas experiências de ser ouvidas e de se expressarem podem ser levadas a outros espaços.

Juntamente com oficinas e outras atividades em nível comunitário, o Raízes Vivas criou oportunidades de aprendizado que vão além dos estreitos limites dos projetos de desenvolvimento convencionais. Uma excursão para visitar uma exposição de um pintor holandês do período colonial, na vizinha Recife, trouxe à tona um assunto que lhes tocava muito de perto: o racismo. Também trouxe mulheres do interior pobre e rural para o coração do Brasil burguês e fez com que elas se permitissem o benefício da “alta cultura”, usando-a como foco para a crítica social.

E houve alguns efeitos inesperados de outras visitas. Uma dessas foi a um projeto agroecológico no vizinho estado da Paraíba à convite de um dos

parceiros da ActionAid Brasil, a AS-PTA (Assessoria e Serviços a Projetos em Agricultura Alternativa). No hotel, foram distribuídas fichas de registro. Aquelas que não conseguiam preencher as fichas resolveram naquele momento que, se queriam viajar, então precisavam aprender a escrever. “Precisamos nos dar o direito de sonhar. A vida tem de ter seus sonhos”, explicou Elizete. E quando as mulheres falam do projeto, falam sobre esses sonhos e de como os viram realizados.

A associação com o CMC tem múltiplas dimensões que vão além do projeto: do tipo de mobilização da qual tive a sorte de participar no dia Internacional da Mulher a ser envolvida pela aura de respeito acumulada pelo Centro fora da sua comunidade. Marlis contou a história de uma mulher de Barbalho que tinha sofrido ameaça de violência numa visita a uma das mais violentas favelas de Recife. Sua reação foi instantânea – ela mostrou aos homens sua camiseta e o logotipo do CMC e avisou: “sou do Centro das Mulheres do Cabo. Não me toquem!”.

“Temos o apoio de toda a instituição”, disse Marlis, “e as pessoas da comunidade sabem que não somos intimidadas”. “Reconhecendo as múltiplas dimensões da desigualdade de gênero, essa é uma organização cuja própria abordagem está plena de engajamento em várias arenas: suas representantes estão envolvidas em espaços políticos e burocráticos, lutando por transparência democrática e justiça, suas ligações com as mulheres vão dos espaços comunitários aos tribunais e às clínicas, alcançando além dos limites do Cabo, através de sua estação de rádio, Rádio Mulher, e através das redes feministas que atingem o estado e o país”.

Mais do que um doador – o papel da ActionAid Brasil

Nos últimos cinco anos, a equipe da ActionAid Brasil tem visitado o Cabo regularmente. Estas viagens têm feito mais do que proporcionar momentos de reflexão e permitir que as duas organizações fortaleçam seu relacionamento. Elas também foram um estímulo para outro tipo de reflexão, servindo como um espelho no qual aqueles que estavam envolvidos no projeto podiam ver a si próprios e tudo que tinham alcançado. “Não temos somente um papel econômico”, observou Maria Lúcia, que até recentemente coordenava o programa de gênero da ActionAid Brasil e dava suporte básico ao projeto Raízes Vivas. “Temos um papel simbólico”. E quando a equipe da ActionAid Brasil vai até à comunidade, ela está consciente do que pode fazer para afirmar o que foi conquistado. São esses outros papéis e a maneira como a equipe da ActionAid Brasil se engaja em nível comunitário e como parceira do Centro das Mulheres do Cabo que a torna muito mais do que somente outro doador. Isso ficou bem claro na história de como se deu o relacionamento entre o Centro das Mulheres do Cabo e a ActionAid Brasil e reside tanto nos seus altos e baixos ao longo do tempo quanto nos evidentes sucessos do trabalho que fizeram juntos.

A ActionAid Brasil abriu seu escritório no país em 1999. Com políticas tão complementares quanto eram distintos seus estilos, Ana Toni e Jorge

Romano iniciaram o processo de conhecer organizações que tinham possibilidade de serem parceiras. No período de dois anos antes que as atividades de vínculos solidários tivessem que começar, a ActionAid Brasil buscou parceiros que pudessem ajudar a concretizar uma agenda ambiciosa e radical voltada para a mudança social. Ana Toni me disse: “encontrei Sílvia pela primeira vez numa reunião em Brasília. Ela me impressionou. Era forte e se expressava bem. E estava lá representando uma organização que trabalhava com mulheres na base, fazendo articulações com os debates sobre política nacionais. O que mais me estimulou foi o que nos poderia oferecer a experiência delas de vincular o micro ao macro”. Para outras pessoas na ActionAid Brasil, o foco explicitamente feminista do CMC e suas extensas redes feministas eram o que o tornava um parceiro potencialmente estimulante. Isso despertou um considerável debate no interior da organização. Qual o significado de a ActionAid aliar-se a um parceiro que era nacionalmente reconhecido como uma organização feminista? O que o feminismo poderia trazer para o trabalho da ActionAid Brasil?

Sílvia e Ana encontraram-se outra vez, no Rio, alguns meses depois. Pouco depois, Ana e Jorge foram até o Cabo para avançar um pouco mais. Porém, não foi fácil encontrar uma atividade que oferecesse uma convergência suficiente de objetivos para testar as possibilidades de parceria. Naquela época, Ana estava especialmente interessada no que a ActionAid Brasil poderia contribuir para a luta pela reforma agrária e aprender com ela. Então, tinha sentido que isso fizesse de alguma forma parte do projeto que a ActionAid Brasil iria desenvolver com o Centro das Mulheres do Cabo.

No entanto, o Centro era fundamentalmente uma organização urbana. Não tinha trabalho em áreas rurais. Seus pontos fortes estavam na comunicação, na articulação com novos espaços democráticos de governança setorial, na saúde da mulher, no trabalho de defesa de direitos e de apoio jurídico às mulheres maltratadas por seus parceiros. Em sintonia com a ActionAid Internacional, a ActionAid Brasil focalizava principalmente as pessoas mais pobres entre os pobres, especialmente nas áreas rurais. Havia um escopo limitado – ou assim parecia na época – para trabalhar com temas da pobreza urbana. O mesmo acontecia em relação à saúde da mulher, violência contra a mulher, e mesmo em relação a quase todo o trabalho cotidiano do Centro das Mulheres do Cabo. Porém, o que o CMC oferecia à ActionAid Brasil era algo que foi reconhecido como de importância crítica: mais de uma década de experiência com questões de direitos das mulheres no Brasil e sucesso em superar a divisão entre micro e macro, que tinham chamado a atenção de Ana Toni desde o início.

Houve um período em que as propostas iam e vinham do Rio, avançando em intervalos irregulares. Finalmente, chegou-se a um acordo sobre um projeto de alfabetização de mulheres, baseado num assentamento em terra invadida por membros do movimento da reforma agrária, e um projeto urbano de saúde sexual e reprodutiva. Isso seria a oportunidade de a ActionAid Brasil e o CMC trabalharem juntos e se conhecerem melhor. Era uma solução de compromisso. O projeto de alfabetização não saiu do papel. Os dois lados

refletiam sobre seu envolvimento, se valia ou não a pena persistir na idéia de parceria. As coisas esfriaram. Durante um período não apareceram novas idéias e parecia que havia pouca perspectiva de se chegar a algo viável.

Porém havia algo sobre o *potencial* daquele relacionamento que fazia os dois lados hesitarem em desistir completamente. Durante certo tempo, outras idéias foram trocadas entre as duas organizações, enquanto elas imaginavam como implementar uma iniciativa conjunta. Nesse momento surgiu a semente do que viria a ser o Raízes Vivas. Seguiram-se discussões intensas sobre o que era possível, esperanças e sonhos, capacidades e limitações. O primeiro passo foi levar a cabo um exercício de diagnóstico participativo nas comunidades da periferia urbana que tinham sido escolhidas: Barbalho e Novo Horizonte. Alberto e Maria Lúcia trabalharam com Marlis e Nivete na formulação de um processo, tanto no campo quanto no escritório. Dos grupos surgiu um conjunto de prioridades, no qual a luta pela água predominava e tornou-se inicialmente o foco principal do projeto. Depois, essas prioridades foram introduzidas nas atividades e nos objetivos.

Mais ou menos um ano depois, a ActionAid Brasil criou um pequeno fundo ao qual seus parceiros poderiam solicitar recursos para projetos com as pessoas mais pobres entre os pobres. O CMC iniciou uma intensa discussão com a comunidade em Barbalho para identificar quem estava em situação mais vulnerável e o que achavam que podia ajudar mais para melhorá-la. Ficou claro que o estado das casas de muitas pessoas – algumas das quais eram ainda construções provisórias, com pedaços de madeira e sacos plásticos – era uma questão que afetava de muitas maneiras suas vidas e seu bem-estar. Numa área vizinha, a equipe do CMC tinha presenciado como uma ONG internacional havia utilizado um fundo rotativo para fazer melhorias tangíveis nas condições de vida das pessoas. Nas discussões com a ActionAid, nasceu a idéia de um fundo rotativo, permitindo que pessoas que de outra forma jamais teriam acesso a recursos pudessem construir uma casa digna ou restaurar a que já tinham. Por seu lado, isso foi um grande passo a frente na mobilização da comunidade de Barbalho. Como comentou Maria Lúcia, era um produto concreto da parceria da ActionAid Brasil com o CMC.

Surgiram dificuldades quando começaram as atividades de vínculos solidários. Em Novo Horizonte já havia um projeto de vínculos solidários, administrado pela Visão Mundial. Era contra a política da ActionAid ter dois projetos desse tipo na mesma área. Uma nova área foi buscada; uma área que tivesse a capacidade de gerar oportunidades suficientes para as atividades de vínculos solidários. A vizinha Pirapama parecia uma boa opção. Não era tão necessitada (pelo menos, na aparência) quanto Barbalho, mas tinha os problemas sociais e econômicos característicos das populações de baixa renda das periferias urbanas brasileiras. Uma série de grupos focais sobre as aspirações de uma vida melhor em Pirapama criaram espaços para refletir sobre as duras realidades, assim como sobre os sonhos, os futuros possíveis que as mulheres do comitê do projeto retratariam em seus desenhos. Logo tornou-se evidente que ter dois projetos separados – Raízes

da Terra e Pirapama Viva – fazia muito menos sentido do que trabalhar juntos. Nascia o Raízes Vivas.

Para Nivete e Marlis, que trabalhavam diretamente com Maria Lúcia e Alberto da ActionAid Brasil no projeto Raízes Vivas, havia algo característico da ActionAid que a tornava diferente dos outros doadores. Marlis me disse: “são as pessoas, que são tranquilas, que têm compromisso, paciência e sentimento. Elas falavam com a gente e com as pessoas da comunidade como se realmente quisessem nos escutar, como se nos respeitassem a todas da mesma forma. Elas construíram um ambiente relaxante no projeto e não essa coisa de gráficos e planos”. Desde o começo, elas reconheceram que a ActionAid Brasil era diferente de outras organizações financiadoras com quem tinham trabalhado no passado. Nas palavras de Nivete: “eles não têm a atitude de dar dinheiro e esperar pelos resultados; eles se envolvem, se envolvem de fato”.

Embora o foco da construção da parceria tenha sido a implementação de um projeto conjunto, esse não foi o único contato entre as duas organizações. A ActionAid apresentou o CMC a seus outros parceiros no seu encontro anual de parceiros – uma oportunidade para articulações e aprendizagem que o Centro achou muito importante. As pessoas das duas organizações se encontravam em eventos, oficinas, reuniões de campanhas, onde suas articulações e interesses se cruzavam. Quando a ActionAid introduziu um novo sistema de monitoramento e avaliação – o Sistema de Planejamento, Aprendizado, Responsabilidade e Transparência (Alps, na sigla em inglês) – o CMC foi um dos seus mais entusiastas aplicadores, desenvolvendo seus próprios processos participativos de revisão e reflexão com as comunidades. Com o tempo, criou-se um relacionamento que consistia em muito mais do que apoio técnico e financeiro da ActionAid Brasil num único sentido. No processo, a ActionAid Brasil começou a perceber o quanto o CMC poderia lhe oferecer em termos de conhecimentos especializados, metodologias, idéias e contatos e que poderia contar com a ajuda do Centro para facilitar eventos e encontros.

“Apoio técnico” pode muito facilmente ser interpretado como uma forma de mostrar uma maneira de fazer as coisas e garantir que as pessoas estão fazendo certo. O apoio da ActionAid Brasil ao CMC foi de uma natureza muito diferente. As mulheres de Barbalho me disseram que, na primeira visita de Maria Lúcia, não entendiam sobre o que ela estava falando. Com imenso carinho, explicaram como, sem as perguntas de Maria Lúcia, elas poderiam nunca ter questionado aquilo que consideravam a realidade de suas vidas cotidianas. No entanto, também havia muito a ser ganho pela ActionAid Brasil, através do envolvimento de suas equipes de projeto e programa com essas comunidades e da maneira como o CMC trabalha.

Para Maria Lúcia, o que torna especial a abordagem do CMC é sua capacidade de sintonia com o ritmo da comunidade. É isso o que ela mais admira no Centro, que trabalha com o princípio de que os processos de mudança levam tempo, que precisam vir do interior e ser construídos

lentamente. O CMC fez com que a ActionAid Brasil se conscientizasse da necessidade de ser paciente. “Às vezes, aconteciam coisas que não tinham sido planejadas. A ActionAid Brasil ficava frustrada quando as coisas não aconteciam, mas avançava na velocidade da comunidade. A parceria era como uma área de amortecimento entre o tempo da ActionAid e o da comunidade”. Nivete e Marlis falaram sobre isso, do cuidado que tiveram em buscar o momento certo, em garantir tempo para pensar e refletir, assim como para discutir as coisas que precisavam ser debatidas. Sem forçar, sem pressionar, sem apressar – trabalhando no seu ritmo, reconhecendo as outras exigências sobre o tempo das mulheres e respeitando o tempo que davam ao projeto.

Quando perguntei a Alberto, da ActionAid Brasil, como via seu papel em relação ao CMC e ao projeto, ele respondeu que era o de apresentar desafios, provocá-los a ir além do que julgavam possível. Ele também se via como um canal de troca de experiências, trazendo o que funcionava num contexto para ser experimentado no outro. Com uma longa experiência de trabalho comunitário, ele fica imediatamente à vontade quando chega na comunidade, as pessoas lembram dele, de suas histórias com uma moral, de sua maneira de fazer as coisas. Algo que Alberto ajudou foi a aprender com os intercâmbios, com as oportunidades de ver as coisas serem feitas de forma diferente e de tirar dessas experiências idéias e inspiração para a ação.

Fazendo ligações

Faz parte da prática da ActionAid Brasil estimular o processo de ligações, que cria oportunidades para os parceiros construírem seus relacionamentos e estenderem suas redes. Seu encontro anual de parceiros é um bom exemplo, juntando organizações de todo o Brasil, que trabalham com uma gama de questões de mudança social, para escutarem umas às outras e compartilharem experiências, sonhos, esperanças e frustrações. Existe algo que é incrivelmente valioso para estimular a imaginação e a energia no ato de conectar pessoas e idéias através das diferenças que separam as organizações trabalhando em áreas diferentes – agroecologia, política feminista, desenvolvimento comunitário em favelas urbanas, campanhas de educação. Como Jorge refletiu: "isso me ensinou a não temer as diferenças. A questão agora é como juntar essas diferenças. Algumas vezes nós só podemos mudar as coisas quando juntamos coisas que são realmente diferentes".

O que mantém os parceiros da ActionAid Brasil juntos é um senso de valores e metas comuns. A chave para isso é a estratégia da ActionAid Brasil e o processo de consulta, deliberação e debate, através dos quais é desenvolvida e apropriada. Equilibrar esse processo com as estratégias da ActionAid Internacional é uma tarefa delicada, que Jorge e seus colegas têm conseguido fazer com grandes cuidados. Em alguns aspectos, as políticas da ActionAid Internacional têm servido bem à ActionAid Brasil: *Combatendo a*

*Pobreza Juntos*¹ pôs no papel os princípios diretores que fizeram parte do trabalho da ActionAid Brasil desde seu início. No entanto, o discurso da “pobreza” e do “empoderamento” é algo que não se encaixa facilmente num contexto em que os atores sociais estão acostumados a um discurso e a uma ação mais radicais.

Para a equipe do Centro das Mulheres do Cabo, o que realmente significa o conceito de pobreza da ActionAid em termos de estratégias e táticas para a mudança social está em sintonia com suas visões e valores. Porém, algumas pessoas relutam em usar a palavra “pobreza”. Marlis argumentou que a “comunidade não quer ser chamada de ‘pobre’”. Quando a ActionAid Brasil explicou o que queria dizer com o termo ‘pobreza’, percebemos que seus objetivos podiam ser apoiados por nós. Porém, nunca usamos essa palavra para explicar algo às pessoas das comunidades”.

A equipe da ActionAid Brasil faz brincadeiras sobre as gozações que recebe por ter tanta gente com doutorado. No entanto, esse investimento em capital intelectual faz realmente a diferença na sua capacidade de formular estratégias, assim como de estabelecer vínculos com diversos setores e instituições. Jorge Romano pode tão facilmente entrar numa discussão sobre estratégias de defesa de direitos com ativistas quanto sacar de seu ferramental conceitual uma versão dos conceitos de habitus e prática de Bourdieu que faz sentido para a luta por mudanças. Ao envolver a universidade na formulação de questões e no debate crítico sobre conceitos essenciais e experiências práticas, Jorge e seus colegas podem estabelecer novos vínculos que animam e ativam o trabalho da ActionAid Brasil. Longe do antiintelectualismo automático algumas vezes existente nos meios das ONGs, a ActionAid Brasil é um excelente exemplo de como o envolvimento com intelectuais ativistas pode juntar a sofisticação analítica do mundo das idéias com as oportunidades de fazer mudanças do mundo da ação.

A equipe da ActionAid Brasil estava muito consciente dos dilemas de trabalhar com idéias e fazer essas conexões. Para ela, como para muitos atores sociais no Brasil, alguns desses dilemas surgem de sua posição na interface entre o mundo do desenvolvimento internacional, com seu léxico de termos especializados, e as realidades do trabalho de base. No entanto, a reflexão da equipe da ActionAid Brasil sobre o empoderamento encontrou boa ressonância. Um grupo do Centro das Mulheres do Cabo costumava se reunir durante uma hora antes do trabalho para discutir o livro de Jorge e Marta. Elas diziam que isso ajudava a entender o significado político do empoderamento. Embora o termo empoderamento continue com sua versão importada do espanhol e que no Brasil tenha sido associado mais estreitamente à sua cooptação pelo Banco Mundial do que a um processo radical de mudanças sociais, há uma crescente ressonância positiva em relação a algumas das formas como o termo é usado pela ActionAid Brasil.

No entanto, fica evidente que é um desafio encontrar um equilíbrio adequado entre trabalhar com termos e tecnologias importados e estimular o

¹ Estratégia internacional da ActionAid (1999-2005).

envolvimento nos debates, conceitos e práticas existentes. Para os politizados atores sociais brasileiros, práticas como a metodologia Reflect² ignoram algo relevante: a importância de possibilitar que as pessoas criem metodologias ecléticas que atendam objetivos diferentes, no lugar de prescrever um conjunto limitado de técnicas. Cartões, matrizes, grãos de feijão, círculos e outras parafernália dos métodos participativos despertam pouco entusiasmo num contexto em que as pessoas preferem conversar.

Assim, como a equipe da ActionAid Brasil faz essas ligações? Como explicam sua abordagem e o enfoque da organização maior da qual fazem parte? Você começa, Alberto me explicou, falando de poder. “As pessoas de base não gostam de discutir sobre o poder com gente que acabam de conhecer – ficam cautelosas. Porém, quando começamos a falar sobre mudanças nas relações de poder, seus olhos brilham”. Perguntei como se fazia isso e Alberto explicou que eles começavam esboçando as diferentes dimensões do poder, usando isso para transmitir o conceito de pobreza com o qual trabalha a ActionAid Brasil. Quais são essas dimensões? O poder econômico, o poder do conhecimento e poder da ação.

De fato, muito apropriado, pois a ActionAid Brasil faz a diferença justamente ao utilizar seu próprio poder econômico para democratizar o poder do conhecimento e para reforçar o poder de ação de seus parceiros. Como Silvia comentou, o trabalho da ActionAid Brasil com o CMC nunca foi sentido por elas como “somente um interesse instrumental de que implementássemos projetos para eles – como algumas das outras organizações com as quais trabalhamos. A ActionAid estava interessada no Centro pelo que nós somos e procuraram também nos fortalecer”.

Parcerias para a mudança

Se você pensa em mudança social e trabalha diretamente para as pessoas pobres, isso não gera mudanças. Você precisa trabalhar para fortalecer as organizações em todos os níveis. Empoderar uma comunidade não tem nada a ver com a criação de uma creche, significa desenvolver atores políticos que possam lutar contra o governo. Significa empoderar esses atores para que lutem contra o governo pelo seu direitos.

Alberto

Conversando com a equipe da ActionAid Brasil sobre como seu trabalho faz a diferença, uma palavra parece fundamental: parceria. Para eles, a parceria não é simplesmente um arranjo para conseguir fazer o trabalho. Ela envolve a construção de um relacionamento, criando articulações com movimentos sociais mais amplos e tendo um efeito multiplicador. Significa estratégias que se desenvolvem conjuntamente, possibilitando que o trabalho da ActionAid Brasil seja mais do que a soma de suas partes. Também é uma forma de

² Reflect é uma abordagem inovadora ao aprendizado de adultos e à mudança social, que funde as teorias de Paulo Freire com a metodologia do diagnóstico rápido participativo (DRP).

trabalhar cujo objetivo essencial é o fortalecimento das capacidades dos atores sociais agirem em busca de direitos e justiça social. Um dos termos especializados mais mal utilizados pelo setor de desenvolvimento – a “parceria” – pode se limitar à contratação de uma organização ou indivíduo para fazer o trabalho que o doador deseja. A ActionAid Brasil tenta fazer algo completamente distinto. Os projetos, como o Raízes Vivas, que são executados através dessas parcerias, servem para múltiplas finalidades, inclusive como forma de testar idéias juntos e de aumentar a aproximação.

Acima de tudo, a ActionAid Brasil vê seu apoio aos parceiros como uma forma de fortalecer as organizações da sociedade civil, para que possam lutar por justiça social em muitas frentes. É um processo que permite que essas organizações aumentem sua capacidade de irradiar sua influência em esferas múltiplas, multiplicar sua conectividade, seu escopo de influência e sua capacidade de fazer a diferença. Como destacou Alberto: “isso não é somente sobre o CMC mudando a vida das pessoas com a ajuda da ActionAid Brasil, é sobre o Centro mudando as condições de seu entorno através de outras ações, com financiamento de outras fontes. Não é somente um relacionamento de doador, é um relacionamento de dois atores sociais fazendo algo juntos”. Nesse caso, que forma a “parceria” assume na prática e que valores a sustentam? Juntos para refletir sobre o desenvolvimento de seu relacionamento, Jorge, Alberto, Silvia, Nivete e Marlis destacaram os seguintes componentes:

- visão
- missão
- valores
- estratégia (influenciando um ao outro)
- tática (envolvimento conjunto para influenciar outros)
- atividades
- relacionamento financeiro e administrativo
- legitimação
- criação de oportunidades
- construção institucional
- criação de conhecimento

Depois, prosseguiram refletindo sobre as qualidades importantes para que uma parceria funcionasse:

- permeabilidade – capacidade de assumir nova idéias, estar aberto a mudanças
- acessibilidade
- confiança
- compromisso
- transparência
- princípios e valores comuns
- interesses mútuos

Como Marlis comentou: “não fazemos parcerias, sem considerar os princípios”. Para a ActionAid Brasil, esses princípios básicos são fundamentais para a escolha de seus parceiros e para a maneira de trabalhar juntos. Um desses princípios é ser mais do que um doador: acompanhar aqueles com quem iniciamos um relacionamento de parceria, compartilhando frustrações e alegrias, indo além do ciclo habitual de financiar projetos específicos e depois passar para o próximo beneficiário. Um dos aspectos mais poderosos da história do relacionamento entre a ActionAid Brasil e o Centro das Mulheres do Cabo é o fato de que ele tenha persistido, apesar do início difícil e das dúvidas de ambos os lados, pois havia algo mais em jogo, algo mais profundo.

Com o tempo, os parceiros tiveram um papel cada vez maior na facilitação do trabalho do que se tornou uma rede extensa de organizações lutando por mudanças sociais, associadas à ActionAid Brasil. Algumas dessas organizações são financiadas pela ActionAid Brasil para executar projetos e participar de campanhas identificadas como de interesse mútuo, outras são companheiras com as quais a ActionAid Brasil se junta para influenciar políticas e conscientizar o público, enquanto outras ainda fornecem serviços técnicos à ActionAid Brasil. Jorge e Alberto contaram 70 desse parceiros e esse número aumenta a cada ano. A ActionAid Brasil não é seu único doador; na verdade, em muitos casos, ela fornece um montante relativamente pequeno dos custos operacionais da organização e, algumas vezes, tanto a ActionAid Brasil quanto a organização recebem fundos de outros doadores, como o DFID (Departamento para o Desenvolvimento Internacional do Reino Unido) e a Fundação Ford.

À medida que cresce a confiança mútua e se aprofunda a autoconfiança, parceiros como o CMC têm assumido um papel muito mais ativo, coordenando e facilitando reuniões, vinculando a ActionAid Brasil a outras redes e movimentos sociais, trabalhando junto com eles como um ator do desenvolvimento, com influência própria, como amigo, crítico, mentor, companheiro – além de beneficiário do financiamento da ActionAid Brasil. Através da intersecção de redes, do engajamento ativo em movimentos sociais e da busca ativa de articulações como uma estratégia para influenciar, essa pequena organização consegue causar impacto.

Desde o início de seu trabalho conjunto, o relacionamento entre a ActionAid Brasil e o Centro das Mulheres do Cabo vem se tornando complexo e multidimensional. No lugar desse relacionamento ser mediado por um ou dois membros da equipe, existem relacionamentos simultâneos de diferentes tipos, unindo as duas organizações de uma forma que vai muito além do simples relacionamento entre doador e beneficiário. Além disso, os diferentes tipos de atividades dão às mesmas pessoas oportunidades de cumprirem papéis distintos e de explorarem diferentes dimensões da parceria. Isso gera um relacionamento que é constantemente renovado, restaurado e redefinido. É um processo dinâmico que resiste a classificações estreitas. À medida que as parcerias se desenvolvem, surgem expectativas e necessidades diferentes. Marlis observou que é importante definir o que é necessário e

desejado da parceria em diferentes momentos, criando o tempo e o espaço para refletir sobre o que é mais necessário em cada situação específica, reconhecendo o dinamismo desse relacionamento. Além disso, é preciso manter o contato com a realidade fazendo coisas juntos. A esse respeito, os projetos se tornam um *locus* onde a ActionAid e seus parceiros crescem juntos.

Uma outra dimensão das parcerias que a ActionAid Brasil tem criado com organizações como o Centro das Mulheres do Cabo é precisamente aquela história de 20 anos a que se referia Silvia, além das profundas e amplas ligações do Centro com um grande número de outras instituições e organizações. Em parceria com o CMC, a ActionAid Brasil consegue legitimidade em certos círculos por causa da reputação do Centro. É uma associação que, juntamente com outras associações com movimentos sociais, ONGs e Organizações de Base Comunitária (OBCs), dá credibilidade à ActionAid Brasil. Assim, nesse contexto, a parceria também significa a ligação com uma organização vinculada a tantas outras e também conectada a espaços políticos e comunitários onde sua influência se faz sentir.

Nos últimos anos, as parcerias da ActionAid Brasil têm se expandido exponencialmente, deslocando-se de um foco mais estreito em campanhas e projetos para programas temáticos. O Centro das Mulheres do Cabo cumpriu um papel de assessoria fundamental na orientação do programa de gênero, como um ponto de referência, interlocutor e amigo. O reconhecimento da riqueza dos debates resultantes do engajamento do CMC com os temas de gênero e o universo de ligações que ele trouxe para a parceria deu a esta uma nova dimensão. Como a ActionAid Internacional pôs os direitos das mulheres na linha de frente de sua estratégia internacional, o potencial para vínculos com organizações feministas como o CMC se tornará cada vez mais significativo. No futuro, a ActionAid Brasil e seu vibrante programa de gênero, no qual organizações como o CMC e as influentes redes feministas do Brasil desempenham um papel importante, podem ter muito a oferecer aos outros países-programas da ActionAid.

Vínculos solidários como parceria?

Um aspecto específico da maneira de trabalhar da ActionAid é a utilização de vínculos solidários como mecanismo para a captação de recursos. Os paradoxos dos vínculos solidários despertam discussões apaixonadas. Também criam oportunidades para repensar os pressupostos sobre a natureza da ajuda para o desenvolvimento. A participação pode ter se tornado uma ortodoxia do desenvolvimento, porém ainda é algo raro que aqueles que recebem a assistência para desenvolvimento tenham um papel direto em prover os meios pelos quais essa assistência continua a fluir – como no caso dos vínculos solidários.

Os vínculos solidários dependem de as crianças escreverem cartas, o que, por sua vez, depende de os pais permitirem que seus filhos escrevam essas cartas e participem das atividades, que são contadas nas cartas e relatórios enviados aos doadores. Em muitos aspectos, este é potencialmente um

poderoso mecanismo de prestação de contas e um mecanismo que coloca o poder diretamente nas mãos daqueles que se beneficiam das intervenções, no lugar daqueles que falam e atuam em nome dos beneficiários. “Os vínculos solidários funcionam para equilibrar o poder”, observou Jorge, “porque as linhas de responsabilidade são tão complexas”.

Os vínculos solidários podem ser interpretados como um presente, uma simples transferência de alguém que tem recursos para alguém que não tem. Porém, como observou o antropólogo Mauss, o ato de dar presentes cria uma relação. Este tipo de intercâmbio é muito diferente de pagar por um serviço ou um bem. Tal é a natureza do presente que o doador e o beneficiário têm benefícios. No entanto, a relação entre a criança vinculada e o doador está longe de ser algo franco – e quase nunca é uma relação vivenciada diretamente. Os vínculos solidários são uma forma incomum de doação, pois o relacionamento entre doador e beneficiário está mediado por uma cadeia de outros atores. Como filtros, observou Jorge, cada um desses atores modificam nuances das mensagens comunicadas entre essas camadas de intermediários. Presentes dados em caráter beneficente são transformados em presentes que permitem que seus beneficiários se empoderem através da ação coletiva: os filtros funcionam eliminando outros significados, reformulando e reposicionando. Este trabalho de reformulação é considerado necessário. A própria idéia de uma relação mais direta entre doadores e seus beneficiários têm sido considerada, no mínimo, indesejável e, no máximo, positivamente danosa. Porém, quando aqueles filtros funcionam para transmitir imagens das atividades na ActionAid e daqueles que são apoiados pela ActionAid de formas que reforçam a doação de presentes como algo beneficente, no lugar de, por exemplo, um ato de solidariedade, o que se perde nesse processo? Este não é um debate novo, nem para a ActionAid nem para qualquer outra ONG internacional, mas é uma discussão importante.

Vale a pena refletir um pouco mais sobre essas mensagens de mediação. Um doador vê uma foto num jornal de uma criança negra africana, com lágrimas e moscas nos olhos. Nunca vi uma criança brasileira num anúncio da ActionAid no Reino Unido. Fico imaginando: a devastação causada pela iniquidade e a luta pela cidadania serão imagens com menos impacto de marketing do que é evocado por uma criança africana faminta? Talvez o tipo de roupas usadas pelas crianças brasileiras possa não funcionar muito bem para provocar o tipo de piedade em que se apóiam as organizações beneficentes. Pode fazer com que as pessoas sintam que elas não são pobres autênticos, que suas camisetas de estilo ocidental e suas minissaias não condizem com a imagem do pobre merecedor ou da criança inocente. É pior ainda se sua pele for branca. Afinal de contas, a palavra “Brasil” tem mais probabilidade de lembrar de imagens de praia, futebol e Carnaval do que de mulheres em Barbalho subindo e descendo ladeiras lamacentas para pegar água de um poço ou de crianças, como Tamiris, sem poder dormir à noite por causa do tiroteio. Um parlamentar britânico em visita ao Brasil perguntou a um membro da equipe da ActionAid Brasil por que o governo britânico deveria dar qualquer ajuda financeira a um país tão grande e rico. Esta história me foi relatada com bastante desprezo: “como se a ActionAid

fosse o governo!”.

As imagens de crianças negras necessitadas como objetos de caridade permitem a manutenção de mitos sobre o desenvolvimento. O que a ActionAid realmente faz com o dinheiro do doador torna-se um segredo cuidadosamente guardado em referências codificadas escondidas nos vistosos folhetos enviados aos doadores. Resta pouca oportunidade para o tipo de conscientização que é parte tão importante do trabalho da ActionAid em nível comunitário. O doador permanece como alguém que faz caridade, ao invés de um parceiro na luta contra a injustiça.

A “venda” da pobreza é considerada um mal necessário, uma precondição pragmática para conseguir o dinheiro e fazer a diferença. Porém, como seria diferente se a ActionAid fosse capaz de “vender” o que realmente faz às pessoas cujas doações foram feitas não por piedade ou caridade, mas por solidariedade? Vínculos solidários – a expressão brasileira para traduzir *child sponsorship* – tem um conjunto de conotações inteiramente diferente. Tem também o potencial de funcionar de forma inteiramente distinta, vinculando indivíduos do Norte a comunidades do Sul – como cidadãos e cidadãs globais. A idéia de um vínculo forjado na solidariedade é o de produzir um efeito tanto para o doador quanto para o beneficiário, para mediar a doação de modo que recebam em troca menos um sentimento reconfortante de ter “feito uma coisa boa” do que um senso de ultraje face às injustiças. Estas injustiças mantêm mais de 20 milhões de pessoas abaixo da linha de pobreza no Brasil, não sobrevivendo além da infância um número muito maior de crianças negras do que brancas. Quais são as perspectivas para esses tipos de vínculos de solidariedade se os mediadores filtrarem a política e a substituírem por declarações que criam sensações agradáveis, convidando o doador a se autocongratular e continuar na sua rotina?

Esta pergunta foi feita de forma muito imediata quando um grupo de doadores italianos vieram visitar o Cabo. Ocorreu algo profundamente transformador em relação a esta visita, tanto para os membros da comunidade quanto para a equipe do projeto – ninguém nunca mais encarou os vínculos solidários da mesma forma. O contexto era de uma grande doação empresarial, para a qual havia sido feito uma exceção à regra que impede a visita de doadores às “suas” crianças. Muita preparação por parte do Escritório da ActionAid no Rio de Janeiro e pelo Centro das Mulheres do Cabo garantiu que a visita perturbasse o mínimo possível o trabalho cotidiano do projeto. Os efeitos não poderiam ter sido nem imaginados. Os visitantes eram trabalhadores comuns que mal haviam saído de seu país anteriormente. Ficaram tão emocionados pelo que viram em Barbalho e Pirapama que até mesmo o intérprete chorava no final da visita.

Um dos visitantes, um homem jovem, foi recebido na casa de Nazilde, que acabara de ser construída. Ela me disse com orgulho que eu tinha sido o segundo europeu a almoçar com ela. “A visita deles foi muito importante para nós”, ela me disse, “esperamos vê-los outra vez, que venham ver como estamos indo.” Dona Biu inclui entre as experiências que a mudaram “ter

conhecido gente de países estrangeiros, como Manuel, da Itália”. Para Nivete, a visita dos doadores modificou sua perspectiva sobre o trabalho de manutenção dos doadores. Ela e suas colegas agora reagem de forma muito mais positiva em relação aos vínculos solidários do que jamais imaginaram antes. Isso fez com que ela refletisse sobre como esses vínculos podem ser uma forma de politizar os modelos desenvolvimento que os doadores têm; uma maneira de politizar essas pessoas comuns, ajudando-as a reconhecer, como jamais haviam feito, a contribuição que poderiam dar à luta contra a injustiça.

Num nível muito prático, do dia-a-dia, os vínculos solidários criam uma enorme quantidade de trabalho. São cartas, fotografias, inscrições e a obrigação de lidar com aquelas famílias que têm várias crianças inscritas no sistema e estão esperando devido a demoras burocráticas fora do controle da organização... É trabalho duro. Além disso, os projetos precisam incorporar a seu trabalho atividades para as crianças vinculadas, porém essas atividades não são fáceis de integrar nos processo de mudanças com os quais as organizações, como o Centro das Mulheres do Cabo, estão envolvidas. A equipe do Raízes Vivas estima que algo como 20-30% de seu tempo é utilizado na manutenção dos vínculos solidários. Se esse trabalho fosse delegado a um projeto baseado na comunidade, não somente fomentaria capacidades naquele nível e promoveria uma maior sustentabilidade, como também liberaria a equipe do Raízes Vivas para trabalhar nas questões mais amplas das mudanças sociais – o objetivo real do projeto.

Naturalmente, existem outras soluções mais radicais que eliminariam o laborioso processo de traduzir mensagens, fechar envelopes e garantir que sejam enviados com um autêntico selo brasileiro. Por exemplo, um DVD com as vozes e as imagens das crianças e um relato das mudanças que ocorreram na comunidade podia ser um subproduto de um exercício de Revisão e Reflexão (R&R), no qual a equipe da ActionAid Brasil, seus parceiros e as pessoas diretamente envolvidas em suas iniciativas examinassem o ano que passou e discutissem como as coisas tinham acontecido; materiais interativos sobre cada comunidade, acessíveis na *web* através de senhas, com vídeos, música, desenhos e fotos, que só exigissem que o doador fizesse *login*; visitas de doadores documentadas em vídeo e em materiais impressos, que contassem a história de sua viagem, as perguntas que fizeram e o que aprenderam. Isso tudo poderia ser utilizado como material para refletir sobre a relação do doador com as comunidades e com organizações que no futuro fossem parceiras da ActionAid.

As possibilidades criativas são infinitas e todas essas sugestões já foram feitas anteriormente. O que de fato parece irônico é que as principais mudanças realizadas na ActionAid no plano internacional para politizar a agenda do desenvolvimento não parecem ter influenciado a forma de procura de recursos tanto quanto afetou a aplicação desses fundos. Talvez, à medida que a ActionAid reflita sobre as lições que podem ser extraídas dessas histórias de mudança, essa seja uma área a que possa ser estendida as boas

práticas tão evidentes no trabalho de desenvolvimento da ActionAid. Acho que Tamiris ficaria orgulhosa de ter contribuído para isso. ■

Histórias críticas de mudanças é um projeto conjunto da Iniciativa Conhecimento e da Unidade de Avaliação de Impacto e Aprendizado Mútuo da ActionAid Internacional.

A Iniciativa Conhecimento é uma nova organização que está se desenvolvendo no interior da ActionAid Internacional. A Iniciativa Conhecimento reflete a importância que a ActionAid Internacional dá à geração e utilização de conhecimentos para o empoderamento e, portanto, para a ação. A Iniciativa Conhecimento tem como objetivo ajudar as organizações da sociedade civil e outras organizações a concretizarem seu potencial individual e organizacional, como geradoras de conhecimentos para o progresso, assim como empoderar as pessoas pobres e marginalizadas para que utilizem seus próprios conhecimentos e o de outras pessoas como fonte de poder. Isso é feito através de novas alianças e redes para treinamento e aprendizado práticos, pesquisa-ação, abordagens participativas baseadas nos direitos e busca de alternativas.

Para comentário e *feedback* sobre

Histórias críticas de mudanças, entre em contato com:

A Iniciativa Conhecimento na ActionAid Internacional

knowledgeinitiative@actionaid.org

Unidade de Avaliação de Impacto e Aprendizado Mútuo,

ActionAid Internacional

impactassessment@actionaid.org

O *download* de cópias deste relatório e outros materiais da Avaliação de Impacto podem ser feitos em:

www.actionaid.org/503/further_resources.html

Projeto gráfico de JF Design

**A ActionAid é uma parceria
única de pessoas que lutam
por um mundo melhor – um mundo
sem pobreza.**

ActionAid

PostNet suite #248
Private bag X31
Saxonwold 2132
Johannesburgo
África do Sul

Telefone

+27-11-880 0008

Fax

+27-11-880 8082

E-Mail

mail.jhb@actionaid.org

Website

www.actionaid.org

Escritório Central Internacional

Johannesburgo

Escritório Regional da Ásia

Bangcoc

Escritório Regional da África

Nairóbi

Escritório Regional das Américas

Rio de Janeiro

P2187-2/12/05

ActionAid Internacional